



nara roesler

ao que vai nascer:
isaac julien,
elian almeida,
virginia de medeiros
núcleo curatorial nara roesler

nara roesler são paulo
abertura sábado, 2 de abril
exposição 2 abr – 21 mai, 2022

A ancoragem central desta exposição são imagens-retratos de Isaac Julien de sua icônica instalação cinematográfica *Lessons of the Hour*, centradas em Frederick Douglass – orador visionário, filósofo, intelectual, e abolicionista auto-libertado que havia sido escravizado desde seu nascimento em Maryland, Estados Unidos –, oferecendo ao público brasileiro uma primeira prévia desta obra internacionalmente aclamada.

Esses impressionantes retratos, cuidadosamente encenados, recriam e re-fictionalizam a história em torno de uma das personalidades mais fotografadas do século XIX nas Américas, imaginando as relações entre Douglass com figuras chave de suas vidas pública e privada. Os *tableaux vivants* [quadros vivos] de Julien são como retratos monumentais que trazem para nosso presente a urgência do legado abolicionista de Douglass, sintetizado em seu famoso discurso de 1894, *Lessons of the Hour*. Julien, que compreende sua abordagem como “uma encenação da história por lentes contemporâneas”, cria um retrato poderoso e convincente capaz de ressaltar a relevância e importância das palavras de Douglass nos dias atuais.

“Nós falamos na presença de todos os idiomas”, colocou o grande poeta e autor da filosofia da Relação, Edouard Glissant. Pode-se de forma semelhante dizer que o racismo e a injustiça social se manifestam na presença de todos os atos racistas e injustos, tanto no presente quanto historicamente. O racismo é ubíquo, assim como a injustiça social. Cada uma de suas versões geográficas ou culturais carregam efeitos diferentes. A representação se torna uma ferramenta estética e política para se repensar a história e contribuir para a superação da subordinação cultural, seja racialmente ou socialmente.

Dessa forma, junto a Isaac Julien e seus retratos memoriais exemplares, a exposição inclui obras de dois artistas brasileiros, cujos trabalhos ampliam a reflexão sobre questões raciais, sociais e históricas: Elian Almeida e Virginia de Medeiros.

Almeida é conhecido por produzir pinturas de figuras emblemáticas afro-brasileiras, que foram submetidas a um completo apagamento e esquecimento por parte das elites brancas brasileiras. Nascido no Rio de Janeiro, no Cais do Valongo, um ponto central de chegada para

o comércio de pessoas escravizadas no Brasil, Almeida destaca em seus trabalhos mais recentes noções como nascimento e jornada – individual, mas também coletiva – para rememorar a história da escravidão na atual discussão política no país.

A artista e ativista social Virginia de Medeiros adiciona outra camada de significados à exposição com a série *Fábula do olhar*, que se debruça sobre o significado social do retrato e, mais especificamente, sobre a vontade de auto-representação (em particular, por pessoas em situação de rua, nas margens econômicas da sociedade brasileira). Seus trabalhos são fragmentos de histórias de vida que se misturam com a forma como as pessoas retratadas desejam ver-se e serem vistas pelo outro. Para além das questões sócio-raciais, a obra de Medeiros aborda diretamente o desejo ativo de ver e de projetar a própria imagem no mundo como uma forma de reivindicar a completude de nossa dignidade humana, como um incessante lugar para o que vai nascer.

isaac julien



Lessons of the Hour é uma meditação poética sobre vida e os tempos de Frederick Douglass, um visionário escritor abolicionista afro-americano, que também foi o homem mais fotografado do século XIX. A instalação em dez telas e as fotografias que compõem o trabalho propõem uma viagem contemplativa à época de Douglass, estabelecendo relações com nossos tempos. O filme inclui trechos de alguns dos discursos mais impactantes de Douglass, como *Lessons of the Hour*, *What to the Slave Is the 4th of July?* e *Lecture on Pictures*, e faz alusões tanto ao seu ciclo íntimo quanto à sua vida pública, retratando suas relações com outros ícones culturais do período.



Isaac Julien
J. P. Ball's Photographic Studio,
Douglass/Apparatus
(Lessons of the Hour), 2021
fotografia em papel archival
fosco sobre alumínio
edição de 6 + 1 PA
120 x 80 cm



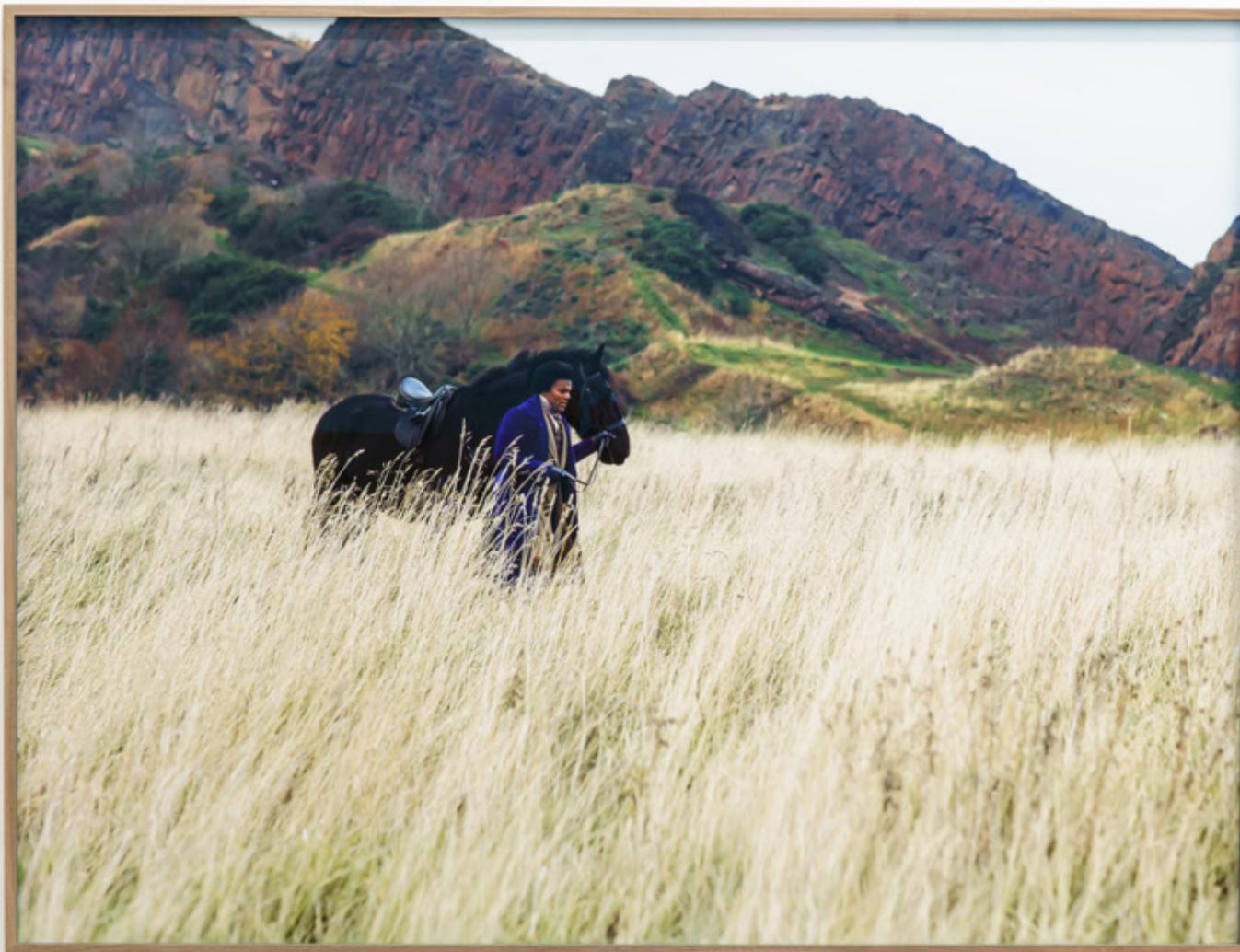
Isaac Julien
To see ourselves as others see us
(*Lessons of the Hour*), 2019
fotografia jato de tinta em
papel brilhante sobre alumínio
edição de 6 + 1 PA
160 x 213,3 cm



Através do uso extensivo das palavras de Frederick Douglass, Julien expressa o *zeitgeist* da época, revelando a importância do seu legado ao propor formas pelas quais a história pode ser vista hoje. O trabalho foi filmado em Washington DC, no The Frederick Douglass National Historic Site e no local onde sua casa em Cedar Hill foi mantida conservada. Também na Escócia, onde Douglass era um membro ativo do movimento “Send Back the Money”. Seus discursos foram reencenados dentro da Royal Academy of Arts de Londres para um público que inclui tanto personagens do século XIX quanto contemporâneos, tais como representantes reais da Academia Real.

Lessons of the Hour foi amplamente exibido em diversas partes do mundo, como no Piccadilly Lights (2021), em Londres, em evento organizado pela Royal Academy of Arts, em parceria com o Art of London; no Los Angeles Contemporary Museum of Art (LACMA) (2021), em Los Angeles, como parte da mostra *Black American Portraits*; na MacEvoy Foundation for the Arts (2020), em San Francisco; e no Metro Pictures (2019), em Nova York; entre outros. Em 2019, *Lessons of the Hour* estreou no Memorial Art Gallery, em Rochester, onde Frederick Douglass viveu por 25 anos.

Isaac Julien
A Chattel Becomes a Man
(*Lessons of the Hour*), 2019
fotografia em papel archival
fosco sobre alumínio
edição de 6 + 1 PA
110 x 73,3 cm



Isaac Julien
Lessons of The Hour
(*Lessons of The Hour*), 2019
fotografia em papel archival
fosco sobre alumínio
edição de 6 + 1 PA
160 x 213,3 cm



Isaac Julien
Autoportrait Parlour
(*Lessons of the Hour*), 2019
fotografia jato de tinta em
papel brilhante sobre alumínio
edição de 6 + 1 PA
57 x 76 cm



Isaac Julien
A Star to a Seer
(Lessons of the Hour), 2019
fotografia em papel archival
fosco sobre alumínio
edição de 6 + 1 PA
103,9 x 138,5 cm



isaac julien

n. 1960, Londres, Reino Unido, onde vive e trabalha

Isaac Julien é um dos mais importantes e influentes artistas britânicos nos campos da instalação e do cinema. Em seu trabalho, ele utiliza elementos provenientes de disciplinas e práticas variadas (entre elas cinema, fotografia, dança, música, teatro, pintura e escultura), integrando-os em instalações audiovisuais dramáticas, obras fotográficas e documentários. A pluralidade não se faz presente apenas nas linguagens agenciadas em seu processo, mas também no resultado, exibido em instalações compostas por múltiplas telas e, por vezes, fotografias. Suas imagens deslumbrantes e potentes articulam uma linguagem visual única e poética.

Os trabalhos de Julien surgem de investigações sobre personalidades proeminentes do século XX, tais como Langston Hughes, Frantz Fanon e Lina Bo Bardi, atuando, muitas vezes, de modo a revisar as narrativas históricas oficiais. Apesar do principal meio de produção do artista ser o vídeo, a fotografia possui papel fundamental no seu processo. Em suas fotos, encontramos a síntese estética de seu trabalho audiovisual, assim como sua renovação, a partir de procedimentos de colagem e fotomontagem.

Seu filme *Young Soul Rebels* (1991) recebeu o prêmio Semaine de la Critique no Festival de Cinema de Cannes. *Frantz Fanon: Black Skin, White Mask* (1996), codirigido por Mark Nash, venceu o Grande Prêmio Pratt and Whitney Canada. Julien também foi contemplado com o Prêmio McDermott do MIT e o Prêmio The Golden Gate Persistence of Vision (2014), no Festival de Cinema de São Francisco. Em 2015, Isaac Julien recebeu o Prêmio Kaino por Excelência Artística.

exposições individuais selecionadas

- Lessons of the Hour, Metro Pictures; Memorial Art Gallery (MAG), Nova York, Estados Unidos (2019)
- Western Union: Small Boats, ARoS Aarhus Kunstmuseum, Aarhus, Dinamarca (2018)
- To the End of the World, Galerie Forsblom, Estocolmo, Suécia (2018)
- Ten Thousand Waves, Museu de Arte Contemporânea de Niterói (MAC-Niterói), Niterói, Brasil (2016)

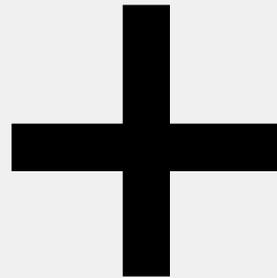
exposições coletivas selecionadas

- 57ª Bienal de Veneza, Itália (2017)
- *Coming Out: Sexuality, Gender and Identity*, Walker Museum, Liverpool; Birmingham Museum and Art Gallery, Birmingham, Reino Unido (2017)
- *The Shadow Never Lies*, Minsheng Museum, Shanghai, China (2016)
- Trienal de Paris, França (2012)
- 7ª Bienal de Gwangju, Coreia do Sul (2008)

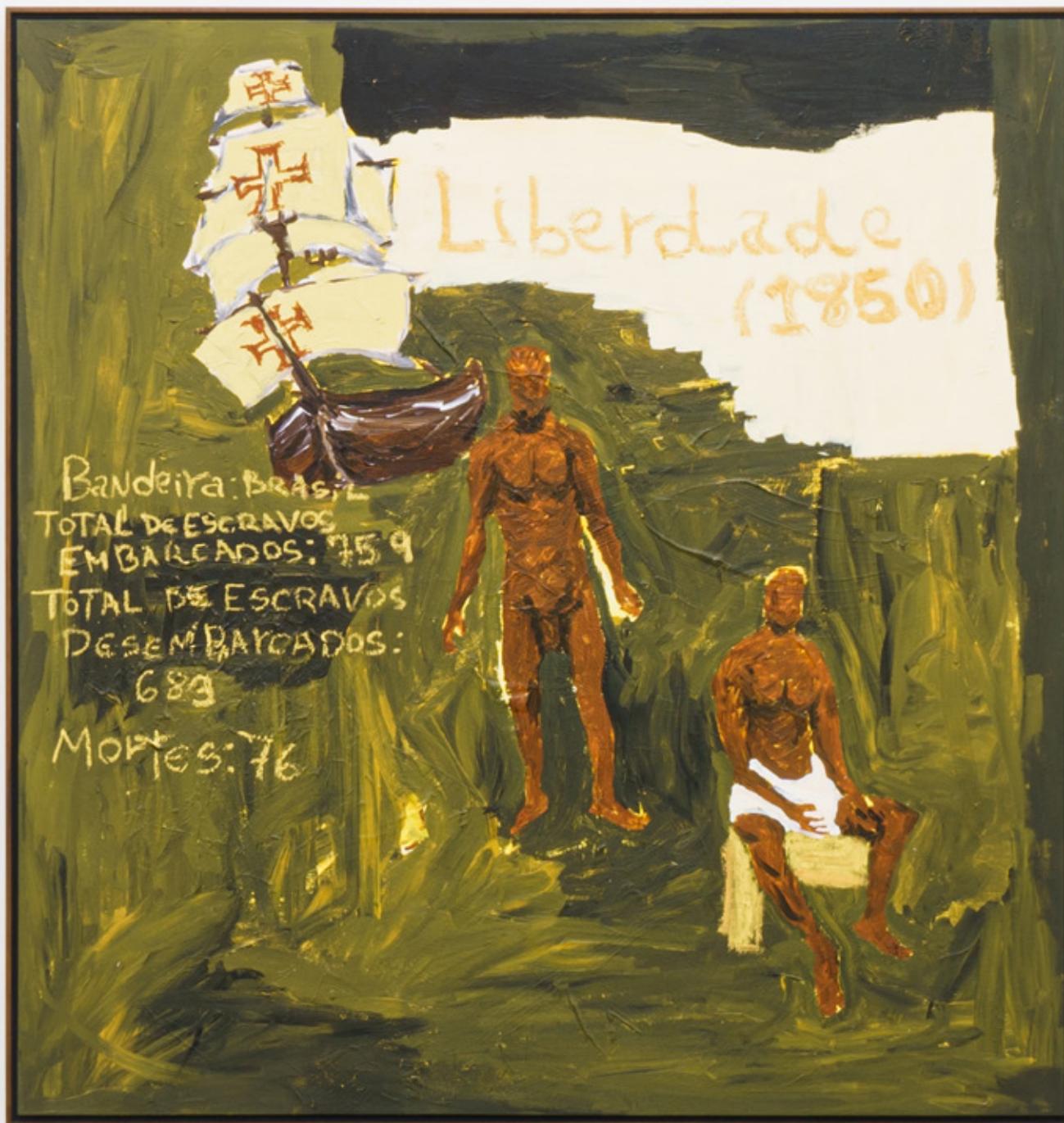
coleções selecionadas

- Art Institute of Chicago, Chicago, EUA
- Centre Georges Pompidou, Paris, França
- Museum of Modern Art (MoMA), Nova York, EUA
- Solomon R. Guggenheim Museum, Nova York, EUA
- Tate Modern, Londres, Reino Unido

elian almeida



22°53'49.03"S 43°11'14.62"W



Elian Almeida apresenta o primeiro ato de *O ouro afunda no mar*, madeira fica por cima, seu mais recente projeto. Dividida em três partes, a pesquisa se debruça sobre o tráfico de povos africanos para as Américas, inscrevendo-se no âmbito de sua prática baseada na arqueologia da memória histórica.

Nesse projeto, Almeida dedica especial interesse aos nomes atribuídos às embarcações que realizavam esse transporte. Ao serem batizados de Felicidade, Esperança, Igualdade, Liberdade – presente em uma das obras expostas – e Feliz Destino, para citar alguns, buscava-se mascarar o caráter violento das travessias. Mais do que ilustrar a violência de um fato histórico, o artista visa criar imagens que nos ajudem a encarar suas consequências, reconhecendo suas marcas na nossa cultura e sociedade, assim como a natureza da dor gerada por esses eventos.

Elian Almeida
Liberdade (1850), 2022
tinta acrílica e pastel oleoso sobre tela
138 x 133 cm

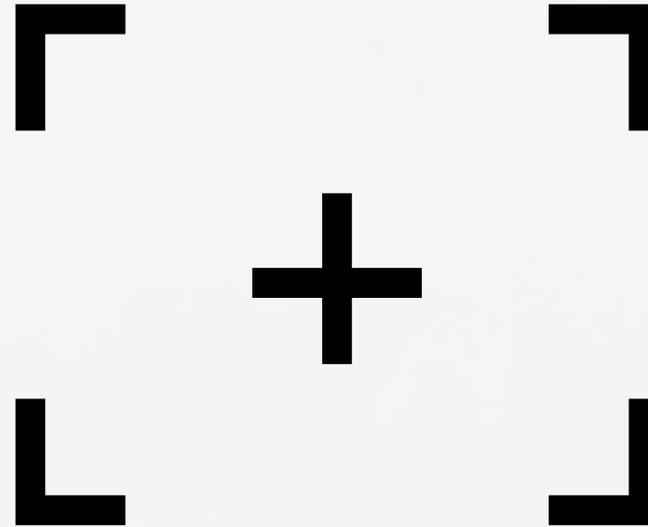


Liberdade

(1850)

Era: Brasil
ESCRAVOS
LEADOS: 15 9

Em *Ao que vai nascer* (2016), Almeida sobrepõe as coordenadas do lugar em que nasceu às do Cais do Valongo, região no Porto do Rio de Janeiro que, durante os séculos XVIII e XIX, recebeu um grande fluxo de indivíduos abduzidos do continente africano para serem comercializados como escravos. Nessa sobreposição, Almeida liga passado, presente e futuro, ao nos lançar – no título do trabalho – uma questão sobre o que ainda está por vir. O artista entrecruza macro e micro histórias, ao entrelaçar sua narrativa à própria escrita de acontecimentos fundantes da identidade nacional. Para Almeida, o trabalho é um mapa que aponta outros caminhos espaciais e temporais para se entrar em contato com uma herança ancestral que se via renegada pela tradição.



22°53'49.03"S 43°11'14.62"W

Elian Almeida
*Nossa Senhora
da Boa Morte*, 2022
tinta acrílica e pastel
oleoso sobre tela
128 x 108 cm





Elian Almeida
Bom caminho, 2022
tinta acrílica sobre tela
117 x 145 cm





Elian Almeida
Mônica (Vogue Brasil), 2022
tinta acrílica e pastel oleoso sobre tela
140 x 150 cm





elian almeida

n. 1994, Rio de Janeiro, Brasil, onde vive e trabalha

Elian Almeida baseia sua prática na convergência de diferentes linguagens, como pintura, fotografia, vídeo e instalação, tornando-se expoente de uma nova geração de artistas produtores de objetos e imagens que reivindicam protagonismo para agentes e corpos usualmente marginalizados em nossa sociedade e na tradição da arte. Com uma abordagem decolonial, seu trabalho se debruça sobre a experiência e performatividade do corpo negro na sociedade contemporânea. Para isso, ele recupera elementos do passado, imagens, narrativas e personagens – oficiais e extraoficiais –, de modo a contribuir para o fortalecimento e divulgação da historiografia afro-brasileira.

Por um lado, sua pesquisa se debruça sobre biografias de personagens negras que tiveram sua importância apagada pela história, atribuindo-lhes a devida importância. Por outro, o artista volta-se para as violentas abordagens policiais de corpos racializados, revisitando as noções de privilégio, presentes na cultura e sociedade brasileira, assim como denunciando o mito da democracia racial. Em sua série *Vogue*, em que Almeida se apropria da identidade visual e da estética dessa famosa revista de moda para vincular corpos negros, vemos a convergência dessas diversas linhas de trabalho, levando-nos a questionar sobre os modos como esses sujeitos são representados e postos em circulação na cultura visual brasileira.

exposições individuais selecionadas

- *Antes - agora - o que há de vir*, Nara Roesler, Rio de Janeiro, Brasil (2021)

exposições coletivas selecionadas

- *Enciclopédia negra*, Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil (2021)
- *Amanhã há de ser outro dia / Demains sera um autre jour*, Studio Iván Argote e Espacio Temporal, Paris, França (2020)
- *Esqueleto – 70 anos de UERJ*, Paço Imperial, Rio de Janeiro, Brasil (2019)
- *Arte naïf – Nenhum museu a menos*, Escola de Artes Visuais do Parque Lage (EAV Parque Lage), Rio de Janeiro, Brasil (2019)
- *Mostra memórias da resistência*, Centro Municipal de Arte Hélio Oiticica (CMAHO), Rio de Janeiro, Brasil (2018)
- *Bela verão e Transnômade Opavivará*, Galpão Bela Maré, Rio de Janeiro, Brasil (2018)
- *Novas poéticas – Diálogos expandidos em arte contemporânea*, Museu do Futuro, Curitiba, Brasil (2016)

coleções selecionadas

- Museu de Arte do Rio (MAR), Rio de Janeiro, Brasil
- Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil

virginia de medeiros





Virginia de Medeiros
Aline, da série *Fábula do Olhar*, 2013
fotopintura digital impressa sobre papel de algodão, depoimento impresso
edição de 5 + 2 PA
120 x 90 cm | 40 x 50,5 x 5 cm



Durante um mês e meio, Virginia de Medeiros instalou um estúdio fotográfico em dois refeitórios destinados a pessoas em situação de rua na cidade de Fortaleza, Ceará. Medeiros estabeleceu relações com os frequentadores do espaço, convidando-os a posar para ela, assim como a compartilharem histórias pessoais. Esses encontros e trocas de experiências baseavam-se em um questionamento chave, feito pela artista aos seus interlocutores: Como você gostaria de se ver ou ser visto pela sociedade?

A série *Fábula do olhar* (2012–2013) é o resultado desse íntimo processo de aproximação, visando respeitar suas trajetórias, anseios e traumas. Ao todo, foram retratados 21 indivíduos, tanto pela imagem fotográfica, quanto pelo discurso, expresso nos depoimentos escritos e gravados desses sujeitos.

Virginia de Medeiros
Andrade, da série *Fábula do Olhar*, 2013
fotopintura digital impressa sobre
papel de algodão, depoimento impresso
edição de 5 + 2 PA
120 x 90 cm | 40 x 50,5 x 5 cm

...ome é Alexandre, tenho 35 anos de idade e dois
...das drogas depois que perdi minha mulher, lá en
...cussão dela com uma outra mulher, em que o mar
...a. Então saí de Parajuru pra cá, pra não ficar no
...matado minha mulher. Quando eu cheguei na Ro
...r e me deu vontade de conhecer sobre a 'pedra'. C
...noite eu gastei 400 reais usando a famosa 'pedra',
...documentos, tudinho. Passei 6 meses direto envo
...e casa em casa, pedindo alimento e roupa para po
...dre já passou por três clínicas de desintoxicação,
...ado. "A maioria das clínicas que dizem que vão t

As imagens finais foram feitas pelo foto pintor Mestre Júlio dos Santos, convidado pela artista para colorir os retratos de acordo com os desejos de representação de cada indivíduo. Como resultado temos uma imagem-fábula que traz à cena o jogo entre o real e a imaginação. Cada fotopintura é acompanhada por um texto no qual o retratado relata sua história de vida.

Fábula do Olhar já integrou diversas exposições no Brasil e no exterior e integra as coleções do Instituto Itaú Cultural, em São Paulo, e do Instituto Pipa, no Rio de Janeiro, entre outras.



Virginia de Medeiros
Mariana, da série Fábula do Olhar, 2013
fotopintura digital impressa sobre papel
de algodão, depoimento impresso
edição de 5 + 2 PA
120 x 90 cm | 40 x 50,5 x 5 cm

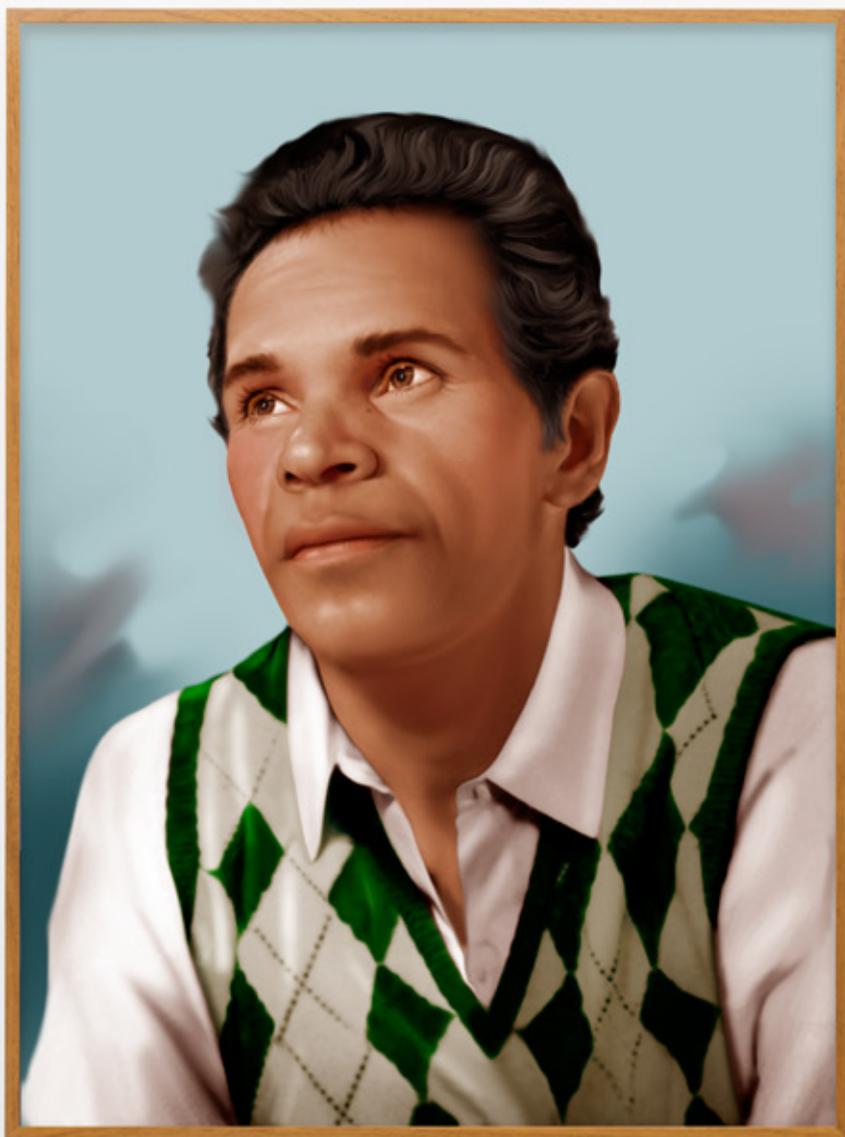






Virginia de Medeiros
Angelika, da série *Fábula do Olhar*, 2013
fotopintura digital impressa sobre papel
de algodão, depoimento impresso
edição de 5 + 2 PA
120 x 90 cm | 40 x 50,5 x 5 cm

o na rua com a minha mãe e meus
na rua. Eu não nasci na rua não, fui
eu, meu tio ficou com a casa e a gente
não ganhar uma casa e tirar a gente
fazendo droga pra gente. Tem que ficar
tem um lado bom da rua, os amigos
e água de coco. Eu durmo no ciner
Praça do Ferreira. Meu dia é assim: eu
do Ferreira e vou pra Praça dos Le



Virginia de Medeiros
Zé Carlos, da série *Fábula do Olhar*, 2013
fotopintura digital impressa sobre papel
de algodão, depoimento impresso
edição de 5 + 2 PA
120 x 90 cm | 40 x 50,5 x 5 cm





virginia de medeiros

n. 1973, Feira de Santana, Brasil

vive e trabalha em São Paulo, Brasil

Virginia de Medeiros utiliza estratégias documentais como forma de transgredir relatos hegemônicos, dando voz e visibilidade a indivíduos tradicionalmente negligenciados pela história. Para isso, a artista lida com pressupostos comuns aos campos da arte e do documentário: o deslocamento, a participação e a fabulação.

Medeiros não busca “capturar o Outro”, mas registrar sua imagem de modo a abrir espaço para que narrativas subjetivas venham à tona, respeitando a singularidade de cada pessoa e situações retratadas. Medeiros tem utilizado a fotografia e o vídeo como ferramentas de representação de identidades e subjetividades tradicionalmente deixadas à margem, tais como transsexuais, trabalhadoras do sexo, pessoas em situação de rua ou abandono. As imagens costumam surgir de um processo imersivo de pesquisa e vivência com as retratadas, minimizando os excessos de um olhar potencialmente etnográfico e carregado de pressupostos, ao mesmo tempo que amplia a intimidade entre o retratado e a obra.

seleção de exposições individuais

- *Clamor*, Instituto Tomie Ohtake (ITO), São Paulo, Brasil (2019)
- 29º Programa de exposições, Centro Cultural São Paulo (CCSP), São Paulo, Brasil (2019)
- *Studio Butterfly e outras fábulas*, Galeria Fayga Ostrower, Complexo Cultural Funarte, Brasília, Brasil (2018)
- *Jardim das Torturas*, Ateliê Aberto, Campinas, Brasil (2013)
- *Faille*, La Chambre Blanche, Montreal, Canadá (2007)

seleção de exposições coletivas

- 11ª Bienal de Berlim, Alemanha (2020)
- *À Nordeste*, Sesc 24 de Maio, São Paulo, Brasil (2019)
- *Love and Ethnology. The Colonial Dialectic of Sensitivity* (after Hubert Fichte), Haus der Kulturen der Welt (HKW), Berlim, Alemanha (2019)
- *Histórias da sexualidade*, Museu de Arte de São Paulo (MASP), São Paulo, Brasil (2017)
- 14ª Bienal de Jogja, Indonésia (2017)
- 31ª Bienal de São Paulo, Brasil (2014)

seleção de coleções institucionais

- Associação Cultural Videobrasil, São Paulo, Brasil
- Centro Cultural Dragão do Mar de Arte e Cultura, Fortaleza, Brasil
- Instituto de Arte Contemporânea de Inhotim, Brumadinho, Brasil
- Instituto Itaú Cultural, São Paulo, Brasil
- Museu de Arte do Rio (MAR), Rio de Janeiro, Brasil
- Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil

nara roesler

são paulo

avenida europa 655,
jardim europa, 01449-001
são paulo, sp, brasil
t 55 (11) 2039 5454

rio de janeiro

rua redentor 241,
ipanema, 22421-030
rio de janeiro, rj, brasil
t 55 (21) 3591 0052

new york

511 west 21st street
new york, 10011 ny
usa
t 1 (212) 794 5034

nararoesler.art

info@nararoesler.art